

ABREVIATURAS EM MISSIVAS SETECENTISTAS: PISTAS GRÁFICAS D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

Vivian Seixas (UFMG)

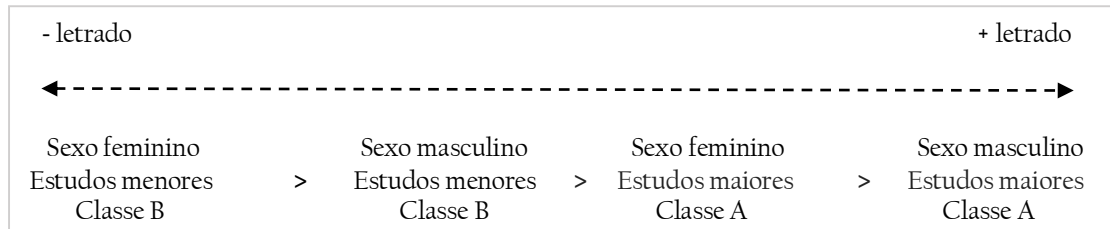
Palavras-chave: Abreviaturas, Caracterização sociolinguística, Norma de emprego das abreviaturas, Cartas pessoais, Século XVIII.

Resumo:

O objeto de investigação desta pesquisa foi o uso de abreviaturas em cartas pessoais setecentistas escritas em Língua Portuguesa. Tal escolha justifica-se pelo fato de ser, relativamente, tema de estudo ainda pouco explorado, como também por ampliar as possibilidades de uso de documentos antigos de cujos escribas se desconhecem dados sociolinguísticos. Nesse contexto, o objetivo geral consistiu em analisar o emprego de abreviaturas em documentos da Língua Portuguesa do século XVIII para testar a hipótese principal de que tais recursos braquigráficos podem evidenciar aspectos sociais do escriba, permitindo, assim, a sua caracterização sociolinguística. A esse objetivo maior agregaram-se os seguintes objetivos específicos: (i) identificar qual era a norma de emprego das abreviaturas no século XVIII e sistematizá-la; (ii) verificar se os recursos braquigráficos empregados pelos escribas selecionados para compor o *corpus* seguem ou não a norma do período; (iii) verificar se as variáveis externas nível de escolarização, estrato socioeconômico, sexo e localidade e as variáveis internas tipologia, complexidade da regra, número de sílabas do vocábulo abreviado e classe de palavras interferiam no emprego das abreviaturas; (iv) estabelecer critérios metodológicos para a caracterização sociolinguística do escrevente por meio das abreviaturas. Adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Labov 1972) para a seleção, a coleta e a análise dos dados, e buscamos respaldo na Sociolinguística Histórica (Romaine 1982) e na História Social (Magalhães 2001) para a análise qualitativa. Como ferramenta de análise linguística, utilizamos o programa estatístico Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2005). O *corpus* é composto por 24 cartas pessoais do século XVIII escritas na Língua Portuguesa do Brasil e no Português Europeu por homens e por mulheres de classe socioeconômica mais alta e de classe socioeconômica mais baixa, as quais são provenientes de duas fontes: (i) do acervo *Fundo Barão de Camargos*, do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência; (ii) do projeto *Post Scriptum: Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e em Espanha na Época Moderna*, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Os resultados evidenciaram que (i) existia uma norma de emprego dos recursos braquigráficos; (ii) escreventes com maior nível de escolarização no período setecentista apresentavam maior domínio da norma e empregavam mais as variáveis linguísticas que demandavam conhecimento sofisticado de categorias gramaticais ou de determinada área de estudo para o seu uso; (iii) as variáveis extralinguísticas nível de escolarização, estrato socioeconômico e sexo interferiam no emprego das abreviaturas (a localidade foi descartada pelo programa de análise), e as variáveis linguísticas tipologia de abreviatura, complexidade da regra, número de sílabas do vocábulo abreviado e classe de palavras favoreciam o uso da norma padrão; (iv) as abreviaturas evidenciam informações linguísticas e extralinguísticas do escriba e, conseqüentemente, constituem ferramentas metodológicas^[1,2] auxiliares para a sua caracterização sociolinguística. Em face dos resultados, é possível atestar que esse estudo contribui para a compreensão dos fenômenos linguísticos relacionados ao uso das abreviaturas em textos diacrônicos, para o panorama dos estudos linguísticos de orientação sociolinguística, para o desenvolvimento de metodologias para trabalhos com *corpora* e, também, para o conhecimento dos aspectos sócio-histórico-culturais dos escreventes no Brasil e em Portugal no século XVIII.

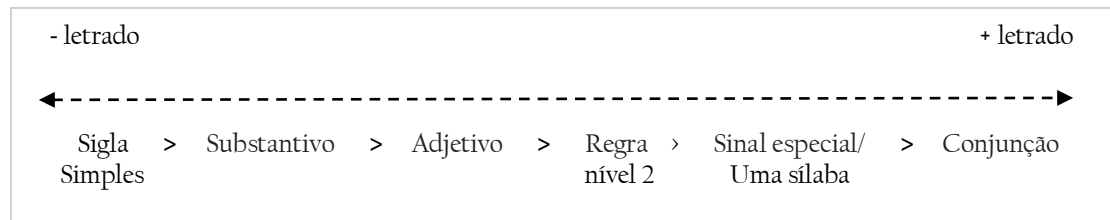
Notas:

[1] *Continuum* do letramento em função das pistas sociais – quanto mais à direita o escriba estiver alocado, maior será o seu grau de letramento:



Fonte: Adaptado de Seixas (2020, 193).

[2] *Continuum* do letramento em função das pistas gráficas – quanto maior for o uso do item à direita, maior será o grau de letramento do escrevente:



Fonte: Adaptado de Seixas (2020, 193).

Referências:

Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Magalhães, Justino. 2001. *Alquimias da escrita: alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do antigo regime*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.

Romaine, Suzanne. 2009. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sankoff, Tagliamonte, and Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto.

Seixas, Vivian. 2020. "As abreviaturas na escrita setecentista: pistas gráficas como recurso subsidiário de caracterização sociolinguística do escrevente". PhD thesis, Universidade Federal de Minas Gerais.

ESTUDO PILOTO DA GRADIÊNCIA NA PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ EM SERGIPE

Lucas Santos Silva
(Universidade Federal de Sergipe)

Palavras-chave: Análise acústica. Gradiência. Palatalização.

Na dimensão fonético-fonológica, a abordagem sociolinguística considera as variáveis dentro de limites discretos, definidas por classificações binárias pelo pesquisador. O envolvimento dos pesquisadores, observadores de dentro da comunidade, influencia o processamento da variação por conta da imersão, compartilhamento ou por produzirem dos traços analisados, o que pode levar à imprecisão nos limites definidos de oitiva pelo pesquisador. Assumimos que a realização linguística é gradiente e que o exame de suas características físicas (Aarts 2003) pode fornecer descrições mais precisas de fenômenos variáveis, ao contrário da descrição impressionista e binária (Sorace; Keller 2005). Neste estudo piloto, apresentamos uma análise variacionista que considera como variáveis contínuas a pista acústica da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em ambiente regressivo, como em *tia*, *dia*, *dente*, *parte*. O corpus da investigação é constituído por 50 leituras em voz alta realizadas por estudantes da Universidade Federal de Sergipe, em cabine com isolamento acústico e gravador portátil Marantz da linha PMD, modelo PMD661. Os áudios das leituras em voz alta foram transcritos no ELAN e a análise acústica foi realizada no PRAAT (Boersma; Weenink 2017). Foram consideradas 800 realizações de /t/ e /d/ quanto à onda e espectrograma de banda larga, o ruído transiente e o ruído contínuo (Barbosa; Madureira 2015). Além da variável contínua, controlamos a variável deslocamento: I) moradores da grande Aracaju (nascidos e criados); II) moradores do interior do estado (nascidos e criados) que se deslocam no movimento pendular para estudar na universidade; III) nascidos e criados no interior, mas que vieram morar na capital por causa da universidade; IV) nascidos e criados em outros estados (Bahia e Alagoas), mas que foram morar em Aracaju por causa da universidade. A associação entre as formas de realização e as variáveis linguísticas segue a direção de estudos anteriores (Souza Neto 2014; Souza 2016; Côrrea 2019). A região dialetal do estudante apresenta associação com a forma de realização ($\chi^2=184.988$, $df=8$, $V^2=0.241$, $p>0.001$). Um modelo linear para prever a duração do segmento em função da intensidade e a realização explica uma substancial e significativa proporção da variância ($R^2=0.36$, $F(10, 1584)=88.53$, $p<.001$, $R^2_{adj}=0.34$) da palatalização. O efeito da intensidade é negativo ($\beta=-0.07$, $SE=0.02$, $p<.001$). Considerando cada região dialetal, entre os estudantes de Alagoas, em relação à realização oclusiva, os efeitos da realização alveopalatal ($\beta=25.80$, $SE=3.61$, $p<0.001$) e africada alveolar são positivos ($\beta=9.99$, $SE=4.06$, $p<0.05$). O efeito da realização alveopalatal é positivo também entre os estudantes da Bahia, em relação à realização oclusiva ($\beta=42.46$, $SE=5.29$, $p<0.001$). Não houve realização africada alveolar. Em relação à realização oclusiva, o efeito das realizações africada alveolar e alveopalatal é positivo e forte. Entre os estudantes da capital, o efeito positivo da realização alveopalatal é muito forte ($\beta=33.62$, $SE=2.24$, $p<0.001$). Entre estudantes do interior, o efeito também é positivo e igualmente forte, tanto na realização africada alveolar ($\beta=21.57$, $SE=2.71$, $p<.001$), como na realização alveopalatal ($\beta=20.84$, $SE=2.28$, $p<.001$), diferentemente do que ocorre entre os estudantes sergipanos com deslocamento pendular, em que o efeito da realização africada alveolar é pequeno ($\beta=10.86$, $SE=4.73$, $p<.05$), enquanto a alveopalatal é grande ($\beta=34.56$, $SE=2.45$, $p<.001$). Os resultados reforçam a importância do parâmetro acústico

na análise de fenômenos fonético-fonológicos com interface sociolinguística, ampliando o poder explanatório de estudos variáveis para além do binário de corte arbitrário a partir da experiência e sensibilidade do pesquisador de campo.

Referências:

Aarts, Bas. Conceptions of gradience in the history of linguistics. *Language Sciences*, v. 26, n. 4, p. 343-389, 2004.

Barbosa, Plínio; Madureira, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez editora, 2015.

Boersma, Paul; Weenink, David. *Praat: Doing phonetics by computer* (Versão 6.0.33). 2017. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

Corrêa, Thais Regina de Andrade. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

Sorace, Antonella; Keller, Frank. Gradience in linguistic data. *Lingua*, v. 115, n. 11, p. 1497-1524, 2005.

SOUZA NETO, Antônio Félix. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-Sergipe*. São Cristóvão: EdUFS, 2014.

SOUZA, Gládisson Garcia Aragão. *Palatização de oclusivas alveolares em Sergipe*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

ANÁLISE DA AUTOIDENTIFICAÇÃO DO FALAR CONQUISTENSE E SOTEROPOLITANO A PARTIR DO ARQUIFONEMA FRICATIVO EM POSIÇÃO DE CODA: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO SOCIOFONÉTICA

Warley José Campos Rocha (UESB)
Vera Pacheco (UESB)

Palavras-chave: /S/ Pós-Vocálico, Palatalização, Percepção Dialeto, Sociofonética.

Resumo: Ao levarmos em conta as cidades de Vitória da Conquista – BA e Salvador – BA, notamos que, nesta, a palatalização do /S/ pós-vocálico realiza-se diante de contextos fonológicos distintos e, naquela, somente em determinados ambientes, especialmente motivados por condicionadores linguísticos (MOTA, 2002; NASCIMENTO; MOTA, 2018). Desse modo, orientados pela pergunta se os falantes das duas comunidades identificam os próprios dialetos tomando o arquifonema fricativo em posição de coda silábica como um elemento diferenciador, neste trabalho, temos como objetivo investigar a autoidentificação dialetal de conquistenses e soteropolitanos, baseando-nos na realização variável do segmento fonológico supracitado. No que diz respeito ao enquadramento teórico-metodológico, pautamo-nos em pressupostos da Sociofonética (LABOV, 2006; FOULKES; SCOBIE; WATT, 2010;), para realizar o estudo de percepção dialetal (WILLIAMS et. al., 1999; PRESTON, 1999; 2013). Como consequência da pandemia mundial provocada pelo SARS-CoV-2 em 2020, os estímulos para o teste de percepção foram gravados de modo remoto por informantes de Vitória da Conquista – BA, Salvador – BA e, para fins de controle, do Rio de Janeiro - RJ e de Triunfo – RS. Lançamos mão de dois tipos de testes: teste de identificação (apresentação randômica dos estímulos); e teste de discriminação (tarefa ABX) (FERREIRA-SILVA, 2016). Os estímulos foram julgados por conquistenses e soteropolitanos, que, respeitando a orientação de isolamento social, responderam ao teste também remotamente, por meio de formulários eletrônicos (*Google Forms*). O tratamento estatístico foi realizado por meio dos *softwares* GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e do Excel. Tratando-se de um teste de percepção, foram feitas duas rodadas em que, na primeira, a variável dependente binária consistiu na *discriminação x não discriminação*; na segunda, consideramos a variável dependente binária *identificação x não identificação*, para os dados da tarefa de identificação. Como variável independente para ambas as rodadas, determinamos a realização do /S/ pós-vocálico nos estímulos. Nossa hipótese foi a de que os conquistenses percebem seu dialeto quando não há a palatalização do /S/ em posição de coda, enquanto a palatalização é um elemento favorecedor para a autoidentificação dialetal do soteropolitano. Conforme os resultados obtidos, conquistenses apresentaram índices mais altos do que os soteropolitanos nas tarefas de discriminação e identificação de seus dialetos, tendo em vista valores respectivos de 90,2% e 74,1%, para conquistenses, e 64,4% e 68,9%, para soteropolitanos. Assim, concluímos que não foi possível confirmar nossa hipótese uma vez que a ausência de palatalização não favorece a discriminação/identificação dialetal dos conquistenses (P.R. = 0.32 / P.R. = 0.23), e os soteropolitanos, por seu turno, tampouco ancoram-se na realização palatalizada do /S/ pós-vocálico para discriminar/identificar seu dialeto (P.R.= 0.20 / P.R.= 0.32). Pelo fato de os conquistenses não se basearem na não palatalização, mas, sim, na presença de palatalização de outro dialeto para se (auto)identificar, faz-nos considerar que a comunidade de fala pauta-se naquilo que não é marcado no seu dialeto para ter uma percepção mais inclusiva ou excludente, isto é, eles se ancoram naquilo que não produzem para se (auto)identificarem. Já os soteropolitanos, ao não tomarem a palatalização como elemento fundamental para sua autopercepção, leva-nos a suscitar outras perguntas que podem nortear novos estudos, a saber: (i) está havendo a presença de estigma quanto ao uso palatalizado entre os soteropolitanos, fazendo-os rejeitar essa característica linguística como parte do seu falar? e (ii) a realização alveolar estaria em franca expansão de uso, evidenciando um estágio avançado de mudança em curso, tendência, inclusive, sinalizada

por Mota (2002)? Para as perguntas levantadas, consideramos a relevância de um teste de avaliação entre soteropolitanos e observação do que tem sido produzido foneticamente em relação ao /S/ pós-vocálico na capital baiana, etapa futura já prevista para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Ferreira-Silva, Audinéia. “Investigação do papel das informações auditiva e visual na percepção das fricativas do Português Brasileiro.” 242 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.
- Foulkes, Paul, James M. Scobbie, e Dominic Watt. “Sociophonetics.” Em *The Handbook of Phonetic Sciences*, por William J. Hardcastle, John Laver e Fiona E. Gibbon, 703-754. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- Labov, William. “A sociolinguistic perspective on sociophonetic research.” *Journal of Phonetics* 34 (2006. DOI: 10.1016/j.wocn.2006.05.002): 500–515.
- Mota, Jacyra Andrade. “O –s em coda silábica na norma culta de Salvador.” 455 f. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- Nascimento, Lorena Cristina Ribeiro, e Jacyra Andrade Mota. “Análise Quantitativa do /S/ em Coda Silábica no Falar Conquistense.” Em *ABRALIN em Cena Bahia 2018: Linguagem e Sociedade (Caderno de Resumos)*, por ABRALIN, 150. Feira de Santana: ABRALIN, 2018.
- Preston, Dennis R. *A Language Attitude Approach to the Perception of Regional Variety*. Vol. 1, em *Handbook of perceptual dialectology*, por Dennis R. Preston, 359-374. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- Sankoff, David; Tagliamonte, Sali; Smith, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2020.
- Williams, Angie, Peter Garrett, e Nikolas Coupland. *Dialect Recognition*. Vol. 1, em *Handbook of perceptual dialectology*, por Dennis R. Preston, 345-358. Amsterdam: John Benjamins, 1999.